

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CASTRO DE SABROSO. NOTÍCIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2015.

CRUZ, Gonçalo e ANTUNES, José

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

Como citar este documento:

CRUZ, Gonçalo e ANTUNES, José, Castro de Sabroso. Notícia dos trabalhos arqueológicos de 2015. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 237-249.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CASTRO DE SABROSO. NOTÍCIA DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2015

Gonçalo Cruz¹
José Antunes²

Desde há décadas que a Sociedade Martins Sarmento tem efetuado a necessária monitorização do sítio arqueológico conhecido como Castro de Sabroso, na freguesia de Sande S. Lourenço e Balazar, no Concelho de Guimarães. Tem também procurado possíveis soluções de conservação e reabilitação deste importante sítio, classificado como Monumento Nacional desde 1910, e que, juntamente com a Citânia de Briteiros, é um local paradigmático da Arqueologia Portuguesa, primeiramente intervencionado por Francisco Martins Sarmento, em 1877 e 1878.

1. De novo em Sabroso

Foi desenvolvido, em 2013, um projeto de reabilitação do Castro de Sabroso, para o qual se têm procurado soluções de financiamento. Entretanto, já no presente ano de 2015, surgiu a hipótese de efetuar uma desmatação inicial da área do monumento correspondente à propriedade cedida à Sociedade Martins Sarmento em 1921, e que coincide com a maior parte do castro, bem como à totalidade da área convencionada como escavada (figura 1). Uma estreita colaboração com a Junta de Freguesia de Sande S. Lourenço e Balazar possibilitou os meios necessários para esta desmatação. Aproveitando o que foi uma louvável iniciativa da autarquia local e procurando uma maior sensibilização,

¹ Sociedade Martins Sarmento / Lab2pt - Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho. E-mail: goncalo.cruz@msarmento.org

² Sociedade Martins Sarmento / Lab2pt - Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho. E-mail: jose.antunes@msarmento.org

quer da comunidade local vimaranense, quer das entidades oficiais, promoveu-se a realização de trabalhos arqueológicos, que pudessem contribuir para uma atualização dos conhecimentos sobre o local.

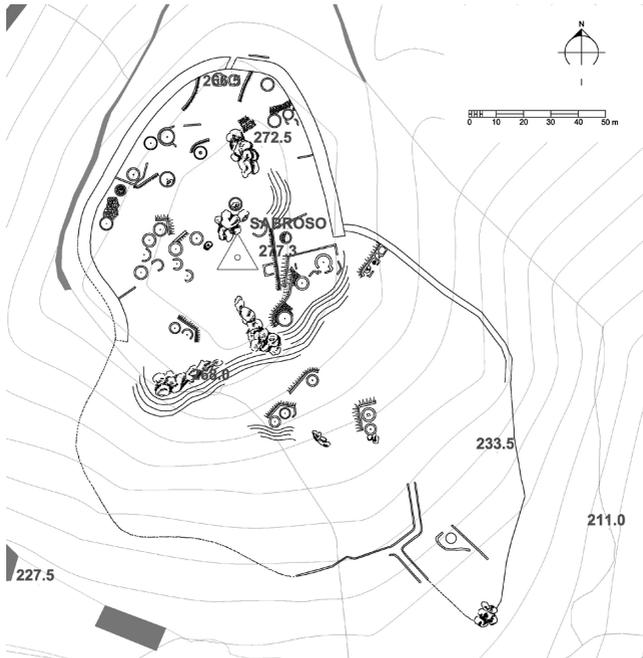


Figura 1 - Planta do Castro de Sabroso. Levantamento de 1930 (Mário Cardozo) sobreposto à cartografia 1:10 000 da Câmara Municipal de Guimarães.

A intervenção contou com o apoio da Universidade do Minho, da Casa do Povo de Briteiros e do Município de Guimarães, e foi realizada pelos signatários desta notícia, com a colaboração de cinco alunos de Arqueologia da Universidade do Minho, em estágio prático, nomeadamente os alunos Ana Moura, Abílio Tinoco, Andréa Arantes, Gonçalo Pimenta e Vítor Rocha. A equipa esteve no terreno entre os dias 6 e 31 de Julho de 2015. Procurou-se, com esta intervenção, obter uma amostra atualizada da estratigrafia de Sabroso, procurando depois comparar resultados com as intervenções anteriormente realizadas.

Os trabalhos de limpeza florestal foram realizados em Julho e Agosto de 2015, sob orientação da equipa da Sociedade Martins Sarmento, e

seguindo as normas aplicadas nas campanhas de desmatção periódica na Citânia de Briteiros. Conseguiu-se, assim, desmatar uma parte considerável da área sob responsabilidade da Sociedade Martins Sarmento. Foi realizado o registo fotográfico da progressão destes trabalhos.

Quanto aos trabalhos de escavação, foi realizada uma sondagem, na vertente nascente da elevação, no interior da primeira muralha. Esta sondagem não foi, porém, terminada, incluindo-se nesta notícia os dados relativos aos contextos então escavados.

2. Resultados da escavação da Sondagem 1

A sondagem realizada foi posicionada num ponto previamente escolhido, pretendendo abranger informação estratigráfica relativa à primeira muralha, bem como em relação à área interior do povoado. Ou seja, optou-se por definir uma área de escavação encostada à muralha, do lado de dentro (figura 2), com as dimensões de 4x4m. O ponto escolhido está voltado a nascente, e é uma plataforma de uma unidade doméstica escavada nas campanhas do século XIX, tendo sido também o local de realização de uma das sondagens de Christopher Hawkes, em 1958 (Hawkes, 1971).

Das campanhas de 1877/1878 restou a configuração atual do espaço, no qual se distinguem perfeitamente os limites da unidade habitacional, definidos por muros de suporte a Norte, Leste e Sul, e pela muralha a Oeste. Dentro do espaço desta plataforma distingue-se apenas uma estrutura



Figura 2 - A área em que foi implantada a Sondagem 1, durante os trabalhos de escavação.

circular, em pedra, que mostra a peculiaridade de ter tido um lajeado interior em granito. A estrutura em questão foi fotografada por Francisco Martins Sarmiento e é a única estrutura visível deste conjunto, bem como a única registada na planta de 1930, nesta plataforma (figura 3).

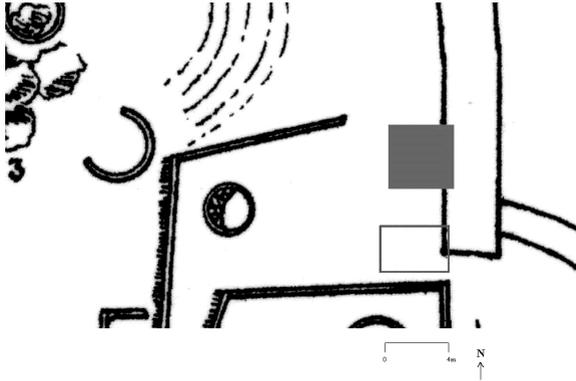


Figura 3 - Localização aproximada da Sondagem 1, a cheio, em relação à vala escavada em 1958 por Christopher Hawkes, em contorno (planta de Mário Cardozo, 1930).

As sondagens realizadas por Hawkes em 1958, cartografadas numa planta publicada (Hawkes, 1971), nunca foram entulhadas, o que, apesar do impacto deixado no local, permite hoje uma melhor localização desses trabalhos, realizados há mais de 50 anos. De facto, uma das sondagens (referida como “*area I*”) foi realizada nesta mesma plataforma, tendo sido marcada a presente área de escavação com um eixo aproximadamente paralelo à sondagem de 1958, mas suficientemente afastada, de modo a não abranger as terras retiradas da antiga escavação, cuja escombreira é ainda visível.

Como já referimos, não se deu por terminada a escavação desta sondagem. Previam-se que, de facto, a potência estratigráfica fosse considerável, tendo em conta a altura da muralha na sua face exterior. Tal se parece verificar com a profundidade que se escavou na presente campanha (cerca de 1,30m), prevendo-se a deteção do substrato geológico a uma cota significativamente inferior.

A decapagem começou portanto ao nível de circulação atual, que será ligeiramente superior em relação ao nível de circulação da Idade do Ferro, e inferior, em cerca de 1,20m, à plataforma superior da muralha,

à altura atualmente visível. Neste nível inicial foram identificados três contextos: a muralha; a camada superficial humosa, que continha visíveis os restos do incêndio ocorrido em 2013, e provavelmente de outros incêndios ocorridos anteriormente; um derrube de pedras encostado à face interna da muralha (figura 4). Sendo possível que este amontoado de elementos pétreos seja um derrube da muralha, cremos, como hipótese mais provável, tratar-se de uma concentração de pedras resultantes de escavações anteriores, ou dos trabalhos de Sarmento no século XIX, ou da intervenção de Hawkes em 1958.



Figura 4 - Plano inicial de escavação da Sondagem 1.



Figura 5 - O mesmo plano de escavação da Sondagem 1, após a remoção do derrube e das primeiras camadas de nivelamento.

Após a remoção destes primeiros contextos, foi identificada uma extensa e relativamente profunda camada, formada por terras misturadas com saibro, compactas, que parece configurar uma regularização do espaço. Cremos que este contexto corresponderá ao que terá sido uma obra considerável: a construção da plataforma onde assentava a unidade habitacional, cujos limites são hoje visíveis.

Depois de retirado este contexto, e até ao ponto em que a decapagem foi interrompida, os contextos escavados parecem integrar-se numa mesma atividade estratigráfica: a colocação de sucessivas camadas de aterro, que altearam o nível de circulação do lado de dentro da muralha (figura 5). Com efeito, a face externa da muralha atinge, neste ponto, cerca de 5,20m. Do lado de dentro, o paramento da muralha não atingirá tal cota (2,50m até à cota que foi escavada na sondagem), mas terá ainda assim uma altura considerável, pelo que foram colocadas sucessivas camadas



Figura 6 - Pormenor de um dos buracos de poste detetados durante a escavação.



Figura 7 - Perspetiva dos vários buracos de poste identificados.

de regularização, até ao nível de circulação da unidade doméstica hoje visível. É, no entanto, possível, que o alteamento da cota de circulação interna possa ter correspondido a diferentes níveis de ocupação. Esta ideia é indiciada pelo registo de diferentes buracos de poste (imagens 6 e 7), pelos menos em dois momentos distintos. Contudo, a inexistência de pavimentos, lareiras ou material cerâmico com relativa abundância, aconselham alguma reserva quanto à interpretação destes negativos, que podem não testemunhar estruturas domésticas em materiais perecíveis, mas ser antes vestígios de estruturas temporárias eventualmente associáveis à construção da muralha (figura 8).



Figura 8 - O alçado Oeste da muralha, parcialmente colocado à vista pela escavação.

A escavação foi interrompida ao nível em que foram descobertos dezoito novos buracos de poste, abertos sobre camadas detetadas na reta final dos trabalhos de campo. Nenhuma destas camadas foi escavada, pelo que não temos informação suficiente para as caracterizar. Fez-se o registo do plano de decapagem no momento da interrupção dos trabalhos. A regularidade destas cavidades, porém, sugere podermos estar diante do negativo de uma estrutura, cuja configuração poderá ser melhor entendida com a prossecução dos trabalhos.

A extrema dificuldade em identificar as diferentes unidades estratigráficas em plano de decapagem, levou a que várias camadas não tenham sido identificadas no decorrer da escavação. Com efeito, alguns contextos não passam de finas películas, sugerindo que o aterro para alteamento do nível de circulação se fez com terras distintas, entre terra limosa castanho escura e saibro deposto.

Os materiais arqueológicos recolhidos durante a decapagem da Sondagem 1 consistem fundamentalmente de cerâmicas e alguns materiais líticos, não se tendo recolhido material metálico, vítreo ou osteológico. Tal como tinha sucedido na campanha de 1981 (Soeiro *et alii*, 1981), os níveis identificados a uma cota superior continham mais material cerâmico do que os estratos mais antigos. Em geral, os materiais estão muito fragmentados, indiciando a sua deposição em estratos de revolvimento ou de enchimento. Integram variados exemplares de cerâmicas da Idade do Ferro, por vezes com decoração incisa ou impressa (figura 9), mas integram cerâmica feita a torno e cerâmica manual, testemunhando produções mais antigas.



Figura 9 - Fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro com decoração impressa e incisa.



Figura 10 - Seixo de quartzito com gravação.

Foi recolhido um pequeno seixo (figura 10), aparentemente de quartzito, que mostra indícios de gravação numa das superfícies, onde se parecem distinguir algumas linhas esquemáticas. Foi também recolhida uma pequena placa de xisto. A recolha de materiais em xisto no Castro de Sabroso foi atestada por Martins Sarmento na escavação do século XIX, estando na base da teoria, nunca confirmada, da utilização de placas de xisto no beiral das estruturas circulares.

Surpreendente foi a recolha de uns poucos pequenos fragmentos de cerâmica comum romana (figura 11), bem como o que parece ser um fragmento de material de construção, também de época romana. Um aspeto frisado, quer por Martins Sarmento, quer por Hawkes, quer ainda por Mário Cardozo, foi a ausência de indícios de romanização no Castro de Sabroso. Há de facto todo um registo material que testemunha a ocupação da Citânia de Briteiros no período Romano Alto-Imperial, que parece não existir no Castro de Sabroso.



Figura 11 - Fragmentos de cerâmica comum romana.

Ainda assim, existem referências à recolha de materiais de época romana, nos diários de Martins Sarmiento (Sarmiento 1901, p. 61) e no registo da sondagem de 1981, realizada pela Universidade do Porto, no qual se refere “o aparecimento de um fragmento de pança de ânfora de pasta relativamente fina com exterior avermelhado e interior cinzento claro” (Soeiro *et alii* 1981, p. 345). Existe também uma referência à recolha de um tesouro monetário no século XIX, que se terá perdido (Sarmiento 1909b, pp. 130-131), bem como a recolha de um denário de prata, do período republicano, da primeira metade do século II a.C. (Cardozo 1996, p. 62; Centeno 1987, p. 182), que se guarda entre o espólio do Museu Martins Sarmiento.

Estes achados de época romana, que aqui referimos sumariamente, devem ser interpretados com alguma cautela, tendo em conta o seu carácter limitado e pontual. Os fragmentos de cerâmica comum romana que aqui referimos seguem o mesmo registo, de relativa raridade de vestígios deste período. Não deixa de ser, contudo, estranha a recolha de fragmentos de cerâmica comum romana num local teoricamente abandonado no século I a.C. (Hawkes 1971), quando a cerâmica romana comum de fabrico local apenas parece generalizar-se bem dentro do século I d.C. (Martins, 1990, p. 172).

Seria expectável a recolha de cerâmica importada, designadamente produções anfóricas, *sigillata* itálica ou mesmo da produção conhecida como “cerâmica campaniense”, o que não se confirmou na presente intervenção.

3. Trabalhos de desmatação em 2015

Os trabalhos de desmatação não se puderam realizar a um ritmo constante, como se tinha previsto inicialmente (imagens 12 a 15). Tendo em conta a particular dificuldade de corte e remoção da vegetação, bem como a necessidade de mais recursos humanos, verificada pouco depois do início dos trabalhos, colocou-se a hipótese de realizar a limpeza florestal em diferentes fases, na medida das possibilidades da Junta de Freguesia de Sande S. Lourenço e Balazar. Verificou-se também que a queima do material lenhoso apenas poderia ser feita nos meses de Inverno.



Figura 12 - Local de contacto entre a primeira e segunda muralhas, em Abril de 1958. Fotografia de arquivo, SMS.



Figura 13 - O mesmo local durante os trabalhos de desmatamento. Julho de 2015.



Figura 14 - Paramento da primeira muralha, voltado a nascente, em Abril de 1958, perto do local onde foi aberta a Sondagem 1. Fotografia de arquivo, SMS.



Figura 15 - O mesmo local durante os trabalhos de desmatamento. Julho de 2015.

Tendo em conta este cenário, e a impossibilidade de garantir um acompanhamento arqueológico permanente da desmatação, optou-se por definir um conjunto de normas a seguir pelos trabalhadores encarregados da limpeza florestal:

- não utilização de viaturas dentro da área do castro, exceto uma carrinha de caixa aberta, para transporte dos equipamentos, através de um acesso pré-existente, na brecha da muralha resultante da destruição de 1919, e agora utilizado para aceder ao ponto mais alto do castro;
- corte manual integral de todos os arbustos e árvores de espécies invasoras (mimosa e eucalipto);
- preservação das espécies nativas (sobreiro e carvalho);

- realização de queimadas em locais suficientemente afastados das estruturas arqueológicas visíveis;
- não recolha de qualquer elemento ou material arqueológico visível à superfície.

Estas normas, que são seguidas anualmente nos trabalhos de desmatação na Citânia de Briteiros, irão permitir a intervenção da equipa da Junta de Freguesia sem a presença permanente da equipa de Arqueologia que, no entanto, procederá ao registo fotográfico da progressão da limpeza. Excecionalmente, em Agosto de 2015, a equipa de Arqueologia recolheu alguns materiais à superfície.

A área restrita limpa até agora veio reforçar a necessidade extrema de trabalhos de conservação e restauro das estruturas exumadas nas campanhas do século XIX.

Conclusões

A realização da sondagem arqueológica junto ao paramento interior da primeira muralha do Castro de Sabroso, permitiu formular as seguintes conclusões.

Em primeiro lugar, permitiu perceber que o estabelecimento das fases evolutivas do Castro de Sabroso (Hawkes, 1971 pp. 284-286) foi apresentado mais com base em pontos de partida histórico-culturais do que fundamentado numa análise rigorosa do registo material, um pouco em função do contexto histórico no qual se realizaram as intervenções antigas. Com efeito, na intervenção realizada em 2015, não foram detetados quaisquer vestígios do nível de destruição referido por Martins Sarmento e por Christopher Hawkes. Esta informação não é, no entanto, conclusiva, tendo em conta o carácter localizado da sondagem realizada.

A recolha de cerâmicas da Idade do Ferro de fabrico manual parece corroborar a ideia de que a cronologia de fundação do povoado pode, de facto, remontar ao século III a.C. (Hawkes, 1971, p. 286), ou mesmo a um momento anterior, como sugere Armando Coelho Silva (Silva 2007, p. 30). A identificação de um conjunto de negativos na sondagem realizada parece também indiciar a existência de uma fase de ocupação com estruturas percíveis, contemporânea com o período de fundação e utilização da primeira muralha, cujos alicerces não foram ainda atingidos.

As unidades domésticas visíveis ao nível de circulação deixado pelas campanhas do século XIX parecem ser contemporâneas dos conjuntos familiares identificados na Citânia de Briteiros, habitadas, construídas e remodeladas ao longo de todo o século I a.C. A plataforma intervencionada em Sabroso foi também construída artificialmente através da deposição sistemática de níveis de alteamento e regularização.

Os trabalhos de escavação a realizar futuramente devem ser articulados no âmbito de um projeto de investigação plurianual, integrado numa intervenção mais vasta de reabilitação do Castro de Sabroso, o que apenas será possível com a existência de financiamento específico.

Bibliografia

- CARDOZO, M (1950), Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 60 (3-4), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 405-486.
- (1958) Missão inglesa de Escavações num “castro” no Norte de Portugal (3 a 11 de Abril de 1958), *Revista de Guimarães*, 68 (3-4), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 439-453.
- (1996) *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Notícia Descritiva*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- CENTENO, R. (1987) *Circulação monetária no Noroeste de Hispania até 192*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- HAWKES, C. (1971) North-western Castros: Excavation, Archaeology and History. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra.
- LOUREIRO, Sílvia (2001) O Castro de Sabroso (Guimarães). Um estudo espacial à luz dos dados arqueológicos, *Revista de Guimarães*, 111, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 147-182.
- MARTINS, M. (1990) *O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia. Série Monografias. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- (2009) A Romanização. in Pereira, P. e Neves, A. (coords.) *Minho. Traços de Identidade*, Universidade do Minho, Braga, pp. 216-269.
- SARMENTO, F. (1906) Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães. Sabroso, *Revista de Guimarães*, 23 (2), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 41-51.
- (1907a) Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães. Sabroso, *Revista de Guimarães*, 24 (2), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 53-66.
- (1907b) Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães. Sabroso, *Revista de Guimarães*, 24 (3-4), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 113-122.

- (1909a) Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães. Sabroso, *Revista de Guimarães*, 26 (1-2), Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, pp. 5-19.
 - (1909b) Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães. Sabroso, *Revista de Guimarães*, 26 (4), Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, pp. 129-139.
 - (1933) Acerca das escavações de Sabroso, *Dispersos*, Imprensa Nacional, Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 22-34.
- SILVA, A. C. F. (2007) *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Câmara Municipal.
- SOEIRO, T.; CENTENO, R.; SILVA, A.C.F. (1981) Sondagem arqueológica no castro de Sabroso, *Revista de Guimarães*, 91, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, pp. 341-35.